

#EDUCA MAB

Revista do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil



EDIÇÃO 1 - ANO 1
DEZEMBRO 2020



[museuafrobrasil](http://museuafrobrasil.org.br)

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR
MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA
CRIATIVA, E O MUSEU AFRO BRASIL

APRESENTAM

#EDUCA MAB

Revista do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil

O Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil tem a alegria de apresentar a primeira versão de sua revista digital. A *#Educamab* nasce abundante de interrogações, cujas respostas serão desenvolvidas ao longo de suas demais edições. Contudo, podemos antecipar que a proposta que se inicia com este número diz respeito à necessidade de diálogos sobre educação em espaços não formais, mais precisamente, em museus. Nossa proposta não se limita, entretanto, a uma conversa apenas com educadores, mas se abre para todas as pessoas que tenham interesse e se sintam instigadas a compreender a função de mediação proposta pelo nosso Núcleo e a missão à qual ele se dedica.

Parte de nossas inquietações e interrogações, que culminam nesta primeira edição, vão ao encontro de uma perspectiva de educação que se constitui na individualidade, mas sempre em convergência com o coletivo. Como bem nos lembra a sabedoria africana, traduzida em provérbios, “É preciso uma aldeia para se educar uma criança”.

Amparada por essa dimensão ampla e dialógica da educação e de seus processos formativos, a *#Educamab* compreende a importância de que vozes cada vez mais plurais se unam em um projeto mais possível para o Brasil, em que a pluralidade e a diversidade de pessoas, culturas e vivências sejam não só chamadas à conversa como também as formas diversas de se construir conhecimento sobre nós, sobre o mundo.

O Museu Afro Brasil, o primeiro a apresentar e debater a história, a cultura e as artes no País a partir de uma perspectiva negra, tem promovido e disseminado, há 16 anos, a pluralidade cultural que caracteriza nossa sociedade, tornando-se uma voz ativa da memória brasileira. Nesse sentido, atrelado aos sentidos que o MAB

vem construindo desde 2004 e suas contribuições para a formação de uma identidade nacional que esteja em consonância com a multiplicidade do que é o Brasil, o Núcleo de Educação se propõe a conversar mais dinâmicas sobre educação e cultura, norteadas pelas noções de memória e experiências.

Abrindo nossa conversa, eis a Seção “Sankofa” – “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás”. Nesta proposta, que consiste em um memorial do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil, propomos conversas com antigos educadores, que revisitam suas memórias e compartilham conosco suas experiências. Para esta edição, contamos com uma entrevista com o quadrinista, ilustrador e professor Marcelo D’Saete, que já foi educador do Museu Afro Brasil, e nos conta sobre sua trajetória profissional, sua vivência no Núcleo de Educação do MAB, além de discutir a importância da educação em museus e sua percepção referente às pesquisas sobre as relações raciais no Brasil.

Na segunda Seção, “Nós de Sabedoria” – em referência ao símbolo adinkra Nyansapow –, a memória se entrelaça com as experiências advindas de projetos realizados em diferentes momentos, conduzidos pelos profissionais que atuaram no Núcleo de Educação e tanto contribuíram para sua consolidação. São também apresentados, de maneira mais ampla, relatos sobre educação em espaços museais a fim de constituir um ambiente para o diálogo e o compartilhamento de experiências e reflexões acerca do tema.

Nessa perspectiva, inauguramos a discussão com um relato sobre o projeto *Na Espiral da Memória*. Fruto de uma parceria entre o Museu Afro Brasil e os Núcleos de Convivência de Idosos (NCIs) da zona sul de São Paulo,

desde 2014, esse projeto, voltado ao atendimento de pessoas idosas, tem se estabelecido como uma forma de propiciar conversas sobre arte, festas, religiosidade, o mundo do trabalho, carregadas de memórias e experiências que nos trazem muitos aprendizados. Dentre eles, podemos apontar a valorização do conhecimento que a vida em suas múltiplas trajetórias carrega em profusão. Conversar com essas pessoas, ouvir suas histórias e com elas compartilhar as possibilidades inúmeras de ver e sentir o acervo do Museu Afro Brasil têm sido uma experiência marcante tanto para nós do Núcleo de Educação quanto para elas, como podemos ver por meio dos relatos. Com o distanciamento social causado pela pandemia da Covid-19, reafirmamos o quanto essa experiência nos beneficiou, por isso, estamos com saudades.

Nossa terceira Seção, “Conhecendo o Museu Afro Brasil”, traz uma proposta de visita mediada sobre o tema “trabalho”. Nela, apontamos caminhos para uma aproximação de parte do acervo que compõe o Museu Afro Brasil. Todavia, não se trata, de forma alguma, de uma proposta única, mas apenas de uma das inúmeras possibilidades de mediação do nosso acervo. Compreender as noções de trabalho e suas relações em um país no qual, por mais de 300 anos, o trabalho foi desenvolvido por mãos escravizadas, torna-se uma importante via para um entendimento mais verossímil da escravidão brasileira, enquanto um sistema econômico que definiu o ordenamento e as relações sociais. Além disso, sem jamais perder de vista a violência da escravização de pessoas e da desumanização de suas experiências e corpos, também apontamos nessa visita a relevância da agência de africanas e africanos e seus descendentes por

meio das culturas e saberes técnicos na formação social e cultural do Brasil.

Nossa última Seção, a “MAB Indica”, é composta por indicações de obras acadêmicas e literárias relacionadas aos temas discutidos nesta edição. Trazemos quatro indicações de livros com pequenas resenhas a fim de aguçar a curiosidade e apontar leituras importantes para o diálogo com esta edição, mas quiçá com a vida. Esperamos que apreciem.

Ainda, é importante assinalar o momento incomum vivenciado por nós, causado pela pandemia da Covid-19. Trata-se de um período no qual o distanciamento social se tornou uma exigência para proteção da vida, demandando novos meios de se estabelecer relações sociais, muitas delas intermediadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Nesse contexto, o Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil vem reformulando suas ações a fim de estabelecer novos espaços de diálogo e trocas, com mais atividades virtuais e/ou híbridas. Nesse cenário atual, a Revista *#Educamab* ganha uma dimensão ainda maior ao possibilitar novas formas de construir relações entre o Núcleo e suas atividades com o público.

Assim se define essa primeira edição da *#Educamab*: uma revista que se constrói no e para o diálogo, sempre levando em conta a memória das experiências vividas pelo Núcleo, mas efetivamente em processo, a caminho de construir novos horizontes de expectativas, novas experiências tão ricas e viáveis como as de ontem. Contudo, sem jamais nos esquecer que o hoje é sempre parte do ontem e possibilidades para o amanhã.

Ainda, desejamos que a leitura seja prazerosa assim como foi a feitura de cada uma dessas seções que compõem a Revista *#Educamab*. ■



Foto: Nelson Kon

A criação do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil em 2004, no mesmo ano da inauguração do Museu, revela o quanto seu papel tem sido fundamental para que a instituição cumpra sua missão. Ao mediar a relação dos seus diferentes públicos com as milhares de obras que constituem a exposição de longa duração do acervo, assim como aquelas que integram suas exposições temporárias, as educadoras e os educadores do Museu Afro Brasil oferecem caminhos para que os visitantes problematizem, questionem e compreendam aspectos fundamentais da nossa cultura e de formação da nossa sociedade.

Ao demonstrar a centralidade das contribuições africanas e afro-brasileiras na constituição deste País, por meio de visitas mediadas, oficinas, cursos, palestras, etc., o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil torna acessível, a milhares de pessoas que participam de suas atividades, a produção artística, material e simbólica das mulheres e homens negros que construíram a sociedade nacional. Ele evidencia os mecanismos de construção das desigualdades raciais na sociedade brasileira, enfatizando que o combate ao racismo é um compromisso de toda(os), contribuindo assim na construção de uma sociedade mais justa, mais democrática e mais igualitária.

Por essas e outras razões, a publicação regular de uma revista como a *#Educamab* é, antes de tudo, o ato de renovação de um compromisso estabelecido há 16 anos e que será reafirmado a cada edição. Vida longa à *#Educamab* e ao Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil!

SEÇÃO SANKOFA

Entrevista com Marcelo D'Saete

7



SEÇÃO NÓS DE SABEDORIA

Na Espiral da Memória

13

SEÇÃO CONHECENDO O MUSEU AFRO BRASIL

Trabalho: Da Escravidão à Abolição

19



SEÇÃO

MAB Indica

29

SEÇÃO

SANKOFA



RELATOS DE ANTIGOS EDUCADORES



***Nunca é tarde
para voltar e
apanhar o que
ficou atrás.***

*“Símbolo da sabedoria de
aprender com o passado para
construir o futuro”.*

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos.
Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. Rio
de Janeiro: Pallas, 2009.



ENTREVISTA COM

Marcelo D'Saete

Nesta edição, a revista *#Educamab* entrevistou o quadrinista, ilustrador e professor Marcelo D'Saete. Mestre em História da Arte, pela Universidade de São Paulo, Marcelo estreou como quadrinista, em 2001, nas revistas *Quadreca* e *Front*. Sua primeira *graphic novel*, *Noite Luz*, foi publicada, em 2008, pela editora Via Lettera, recebendo o prêmio Grampo Ouro e o Prêmio Jabuti. Dentre suas principais obras, estão *Cumbe* e *Angola Janga*, esta última *graphic novel* recebeu o prêmio Will Eisner, maior premiação do mundo dos quadrinhos, sendo também agraciada com o Prêmio Grampo Ouro e o Prêmio Jabuti. Nesta entrevista, Marcelo nos relata sua experiência como professor e sua atuação como educador no Museu Afro Brasil. Ele ainda discute a importância da educação em museus e sua percepção sobre as pesquisas que lançam um novo olhar sobre as relações raciais e a história do Brasil.

#Educamab. Gostaríamos que você contasse um pouco da sua trajetória. Para isso, você poderia nos dizer um pouco sobre sua primeira formação: família, escola, lugar ou lugares onde viveu?

Marcelo D'Saete. Eu nasci em São Bernardo do Campo, em 1979. Passei a infância e a adolescência em São Mateus e no bairro de Artur Alvim, na zona leste de São Paulo. Os meus estudos foram em escolas públicas de São Mateus, de Artur Alvim, no colégio técnico Carlos de Campos, onde fiz o curso de Design Gráfico, e depois no curso pré-vestibular no Núcleo de Consciência Negra da USP. Em seguida, entrei na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo, onde cursei artes plásticas. Além disso, morei durante algum tempo em Brasília, em 2010, onde trabalhei no IPHAN (Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional). Atualmente moro na zona oeste de São Paulo, onde sou professor e trabalho com quadrinhos e ilustração.

#Educamab. Além da escola e da universidade, onde você elegeu como principal local para sua formação?

Marcelo D'Saete. Os museus, bibliotecas e centros culturais foram muito importantes na minha formação. Na graduação, principalmente, início dos anos 2000, a passagem pelo Museu Afro Brasil foi muito relevante para que eu tivesse uma outra compreensão sobre artes plásticas e diáspora africana.

#Educamab. Pensando a memória do Museu Afro Brasil, quando você trabalhou lá? Você poderia relatar como foi sua experiência como educador? Quais as maiores dificuldades e as melhores experiências?

Marcelo D'Salete. Eu diria que as melhores experiências aconteceram com turmas de estudantes que já haviam estudado o tema do Museu Afro Brasil. Eles tinham muito para trocar na mediação, falando sobre o acervo e sobre o que estavam estudando. Isso com certeza funcionava bem. Além disso, pensando no Núcleo de Educação, pessoas de diversas áreas faziam parte dele, pesquisadores da Sociologia, História, Filosofia, das Artes, entre outras. Trabalhar com um grupo interdisciplinar é muito relevante para compreender um pouco mais do acervo do Museu Afro Brasil.

Uma coisa que eu me lembro muito bem daquele período (2008-2009) foi uma ação por parte do Núcleo de Educação de visitar diferentes museus de São Paulo, para conhecer seus acervos, bem como dialogar com educadores de outros museus. Nós visitamos o Museu de Arte Contemporânea (MAC), a Bienal, a Pinacoteca, etc. Eram sempre espaços e momentos de discussões muito relevantes para alargar o conhecimento sobre o circuito artístico de São Paulo e, também, tecer novos olhares sobre o Museu Afro Brasil.

Sobre as dificuldades, havia, naquele momento, um esforço para a formação dos educadores do Museu. Contudo, algumas exposições temporárias acabavam sendo montadas sem o devido tempo de preparação do Núcleo de Educação. Não era sempre, mas isso acontecia.

Acho que outra dificuldade, no momento da mediação com o público, era saber lidar com os diferentes espaços do museu. Infelizmente, devido a uma visão restrita sobre história e cultura da população negra no Brasil, bem como a persistência de certos estereótipos e modos de ver viciados, a história do negro no Brasil é relacionada apenas à escravidão, ao castigo, à violência, à subjugação e a um sentimento de sofrimento intenso. Isso fazia com que as escolas fossem até o Museu e quisessem ver o mesmo discurso que já viam na sala de aula. Isso acabava virando um reforço dos mesmos estereótipos e de

uma visão parcial e limitada da história. Quer dizer, você não mostra a população negra nas suas diversas ações de busca de autonomia e as negociações que ocorriam dentro do sistema, as ações dos quilombos, as irmandades, a imprensa negra, as formas religiosas e de celebração, etc.

Outro ponto bem delicado, com grupos de escolas no Museu, que chamava atenção, era falar sobre vestimentas e obras que remetiam ao universo afro-religioso. Objetos que remetiam ao candomblé, vudu, à umbanda e a outras religiões. Isso era um assunto um tanto quanto delicado, principalmente, com as turmas mais velhas, mas muitas vezes essa recusa partia dos professores e das instituições escolares.

#Educamab. Gostaríamos de ouvir um pouco sobre os desafios desse trabalho de mediação, sobretudo do acervo da exposição de longa duração. Quais desafios o projeto museográfico e a narrativa curatorial apresentavam para o trabalho com o público? Você tinha preferências por trabalhar algumas obras ou espaços específicos?

Marcelo D'Salete. A ideia era fugir um pouco da narrativa mais convencional que acaba focando mais em trabalho e

em escravidão. Por mais que este seja um tema interessante, achava muito relevante fazer com que o público tivesse acesso também a outros percursos, a outras possibilidades de narrativas. Então eu gostava muito de trabalhar com o núcleo sobre personalidades históricas; com o núcleo de arte popular, principalmente, com o público mais jovem; o núcleo de festas, de arte contemporânea e dos artistas da Academia Imperial de Belas Artes. Enfim, a minha intenção era geralmente provocar o olhar, realizando esse percurso alternativo ao que geralmente as escolas pediam. Eu acho que isso era sim muito positivo para fazer com que os estudantes tivessem um olhar novo, um pouco mais oxigenado sobre a presença negra no Brasil, na arte, na cultura e na história.

Algumas obras bem relevantes de pensar são os trabalhos que estão no centro do Museu, as vestimentas dos orixás. Tanto para falar dos contos, quanto para tentar subverter a lógica que geralmente demoniza esse tipo de religião. Então eu trabalhava para mostrar que o núcleo que trata de religiosidade está numa parte central do Museu e ele irradia sua presença para vários outros núcleos. Isso é algo bem



Foto: Raífael Roncato



interessante em termos de possibilidades de leitura desse núcleo em relação aos outros.

#Educamab. Como você avalia o impacto de sua experiência como educador no Museu em suas escolhas e caminhos posteriores? De que forma ela contribuiu para seu trabalho como quadrinista? Você continua visitando o espaço?

Marcelo D'Saete. A minha graduação foi em Artes Plásticas. Meu trabalho de conclusão de curso foi sobre o Museu Afro Brasil. Depois, meu trabalho de mestrado, *A configuração da arte afro-brasileira de Emanuel Araujo*,

foi diretamente sobre a trajetória do Emanuel até a constituição do Museu Afro Brasil. Abordei a sua trajetória no Museu de Arte da Bahia, na Pinacoteca e relatei seu modo de expor com seu universo artístico, como escultor e como colecionador. Vamos dizer que o Museu Afro Brasil e o trabalho do Emanuel foram uma influência muito grande na minha formação. O Museu também foi importante para o meu trabalho de quadrinista por suprir todo um imaginário iconográfico sobre culturas negras, afro-atlânticas, afro-diaspóricas. A Biblioteca Carolina Maria de Jesus também fez com que eu tivesse acesso a toda uma bibliografia sobre Palmares, sobre Brasil colonial, sobre população

negra, que foi primordial para os estudos do livro *Cumbe e Angola Janga*. Eu estive no Museu Afro Brasil em 2018 e 2019, no momento da exposição dos meus trabalhos. Quando voltarmos a condições "normais", tentarei visitar o Museu novamente.

#Educamab. Na sua opinião, quais as principais diferenças entre a educação em um museu e na sala de aula?

Marcelo D'Saete. Quando a gente pensa na mediação, no Museu, em geral você acaba se relacionando com o grupo de estudantes apenas uma vez. Dificilmente você vai vê-los depois em outros momentos.

Por outro lado, temos o contato diário e intenso com as obras, com os documentos. Isso acaba aperfeiçoando o olhar de uma forma muito privilegiada, o que é muito interessante, pois geralmente, na escola, não temos a riqueza desses objetos para fazer a mediação com os alunos, apenas temos reproduções de imagens e vídeos.

Entretanto, na escola, você tem contato com os alunos de uma forma muito mais intensa. Em geral, acompanhamos o aluno durante um, dois anos ou mais. Inicialmente, quando eu estava no Museu, eu achava que isso deveria ser algo bem difícil, administrar relações com crianças e jovens durante tanto tempo. Mas, depois de um tempo, eu comecei a perceber que existe uma grande beleza nisso. Acompanhar o desenvolvimento e o crescimento de um aluno, ver como ele se relaciona com o conhecimento é incrível. Ter esse tempo de mediar diversos assuntos com os alunos, pensando não apenas em um encontro, mas em anos é algo muito rico.

#Educamab. Como você vê o papel da educação em espaços museológicos, principalmente em um espaço como o Museu Afro Brasil, no contexto atual?

Marcelo D'Saete. O educativo tem um papel primordial nos museus. No caso do Museu Afro Brasil, esse papel é



ainda mais destacado, porque o Museu lida com um contexto sobre história e cultura afro-brasileira pouco conhecido por grande parte da população.

Vivemos ainda os resquícios do conceito enganoso de democracia racial. Isso passou a ser questionado mais profundamente nas últimas décadas. Claro que esse conceito hoje tem um novo contexto, um novo universo de significação, mas ele continua fazendo sentido para certas pessoas. O Museu Afro Brasil propõe fazer a crítica desse conceito e de outros fatos relacionados à história e à constituição do Estado brasileiro, uma instituição constituída a partir da violência, da pilhagem, da morte sistemática de populações negras e indígenas e de outros grupos. O Museu Afro Brasil e o Núcleo de Educação acabam tendo uma tarefa enorme no sentido de trazer questionamentos relevantes justamente sobre essa história hegemônica, de trazer personagens, fatos e elementos importantes que estão lá para repensar essa história hoje, a partir de outros paradigmas.

#Educamab. Para finalizar, quais as maiores esperanças e oportunidades hoje para um artista e educador?

Marcelo D'Saete. Estamos num momento difícil para abordar cultura e arte no Brasil. Por um lado, temos grupos políticos conservadores atacando as artes deliberadamente, as charges, as exposições, mostras de teatros, etc. É um momento em que a arte crítica e sem amarras com o poder está sendo ameaçada e cerceada. Por outro lado, nós temos um contexto muito rico em termos de pesquisas que tratam justamente das nossas histórias negras, indígenas, das mulheres e outros grupos. Nós temos um conjunto de pesquisadores, historiadores, escritores e artistas que estão debatendo com profundidade esse tema. Essa discussão é de extrema relevância, pois ela traz aí possibilidades incríveis para formação de novas gerações e para o debate sobre nossa realidade no futuro. ■

SEÇÃO

NÓS DE SABEDORIA



PROJETOS E PROGRAMAS - RELATOS DE PARCEIROS



NYANSAPOW

***Nó da
sabedoria.***

*“Símbolo da sabedoria,
engenhosidade, inteligência e
paciência”.*

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos.
Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.
Rio de Janeiro: Pallas, 2009.



Arquivo
Núcleo de
Educação do
Museu Afro
Brasil

Na Espiral da Memória

por Sidney Ferrer

Uma história em um contexto rural. Um abraço carinhoso e um ensinamento sábio de um parente. Uma memória sobre o próprio conhecimento e que leva à reinterpretação da própria vida. Essas foram algumas das nossas experiências ao longo dos cinco anos do projeto *Na Espiral da Memória*, parceria entre o Museu Afro Brasil e os Núcleos de Convivência de Idosos (NCIs) da zona sul de São Paulo (Espaço Aberto Jd. Miriam e Pedreira, Castelinho e Jd. Lago Azul).

A parceria teve início, em 2014, quando o NCI Jd. Miriam visitou o Museu no dia 20 de novembro. Maria Nice Pereira Leite, técnica do NCI, trouxe um grupo composto, majoritariamente, por senhoras negras para que pudessem falar de memória, refletir sobre identidade e perceber sua própria história. Nesse dia, conheceram Neide Almeida, à época, coordenadora do Núcleo de Educação, que fez

uma fala introdutória sobre o Museu e acompanhou o grupo até a exposição de longa duração. Desse contato, surgiu a proposta de uma parceria para novas visitas ao Museu.

A primeira visita ocorreu em 2015 e foi cuidadosamente pensada e direcionada a um grupo formado por quarenta pessoas, em sua maioria mulheres. Desse modo, optamos por visitar apenas dois espaços amplos onde coubessem cadeiras e bancos. As exposições escolhidas foram “O Banzo, o Amor e a Casa de Cozinha”, de Sidney Amaral, e “Design e Tecnologia no Tempo da Escravidão”. O grupo percorreu as exposições e depois se sentou para uma conversa sobre o que viram, ou seja, foi um momento em que o foco se deteve nas visitantes, em suas falas e experiências.

Esse modelo de visita foi muito importante, o que pode ser constatado pelos relatos tanto do Espaço Aberto

Jd. Miriam como por outros NCIs que integraram o *Na Espiral da Memória* nos anos posteriores. Segundo esses relatos, a visita tem aspectos muito positivos, dentre eles, o cuidado durante o acolhimento como, por exemplo, a possibilidade de o grupo se sentar ao longo do percurso, caracterizando a experiência como acolhedora e acessível. Muitos idosos comentaram que a visita ao Museu Afro Brasil fora sua primeira visita a um museu, demonstrando ainda um contentamento pela recepção e cuidado. Cuidado este que é parte de uma visão ampliada de acessibilidade.

Os grupos compostos por visitantes vindos da periferia de São Paulo,

em sua maioria, por mulheres negras, na faixa entre os 60 e 90 anos, ouvimos repetidas vezes relatos como, por exemplo: “essa é a primeira vez que eu venho. Quando eu passava por aqui, não entrava. Via esse prédio bonito e pensava que não era para mim”. Bem recebidas pelo Museu, foram envolvidas por sentimentos de pertencimento e identificação, como constatado pelas falas de duas senhoras octogenárias. Uma delas, ao observar um quadro da coleção dos famosos retratos pintados por Benedito José Tobias, relatou: “Olha, essa moça no quadro se parece comigo, quando eu era jovem”. Em uma outra ocasião, ao comentar sobre o Museu Afro Brasil como um todo, uma outra senhora disse sorrindo: “encontrei todos os meus irmãos”.

Visitar a própria memória não é trabalho para um único dia. Por isso, entre 2015 e 2018, o *Na Espiral da Memória* tornou suas visitas mensais. Pela continuidade, foi possível estabelecer relações entre uma visita e outra, elaborar uma oficina ou tema a partir de uma ideia em destaque; e os visitantes e técnicos podiam retomar, no decorrer do mês, aquilo que fora visto no Museu. Algumas oficinas que fizemos levaram mais de um encontro para serem finalizadas, como quando construímos um modelo de casa de pau-a-pique com argila, palitos e linha.

Além da prática motora de construção do objeto, tivemos nessa oficina um momento de conversa e descontração, quando as participantes nos contaram histórias de saberes que aprenderam com seus mais velhos, transformando-se também em aprendizagem para a equipe do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil.

Evidenciar que a equipe de educadores também aprendia com as visitas é fundamental, pois nos apresenta a educação como um processo de troca, em que todos os seus participantes aprendem e ensinam conjuntamente.

Entre as falas das visitantes mais velhas, também, era comum ouvirmos: “viemos aprender, pois não sabemos nada”. Contudo, a experiência das

Retrato
pintado por
Benedito José
Tobias
(Foto:
Nelson Kon)





Arquivo
Núcleo de
Educação do
Museu Afro
Brasil

O Na Espiral da Memória é um projeto voltado à população idosa e que tem mostrado bons resultados, tanto para o Museu Afro Brasil quanto para pessoas participantes do projeto, embora interrompido pela pandemia da Covid-19. Contudo, o projeto deve continuar, inclusive, por ter mostrado sua relevância, em especial, para residentes em áreas periféricas da cidade de São Paulo.

oficinas e as conversas sobre arte, festas, religiosidade e sobre o mundo do trabalho serviam para mudar esse tipo de postura, pois, no fazer e no relato de suas próprias experiências, conversávamos sobre conhecimentos do mundo, do trabalho e da vida que precisam ser valorizados e, em especial, que o saber científico-acadêmico não é o único.

O projeto *Na Espiral da Memória* tem cinco anos de existência e recebeu, ao longo desse tempo, grupos de cinco

NCIs. Algumas visitantes vieram uma única vez; outras, nos acompanharam em todo esse período e, pelos relatos colhidos, vemos nesse projeto a valorização e o reforço das memórias da ancestralidade negra, tanto pelas pessoas que participam do projeto quanto pelas instituições que dele fazem parte. Além disso, desenvolveu-se no Museu Afro Brasil um olhar especial e uma rotina específica para o atendimento à população idosa que visita a instituição. ■

RELATO DO NÚCLEO DE CONVIVÊNCIA DE IDOSOS (NCI) ESPAÇO ABERTO JARDIM MIRIAM



Em conversa com Maria Nice Pereira Leite, do NCI Espaço Aberto Jardim Miriam, ela nos contou um pouco sobre o projeto *Na Espiral da Memória*. Destacamos aqui os principais pontos:

IDENTIDADE

O projeto contribuiu para a relação das idosas com sua identidade, ofertou um espaço onde a negritude é tratada como protagonismo, algo que não encontramos em outros museus. Esse detalhe é imprescindível quando estamos falando de idosos da periferia, em sua maioria, negras e negros.

CONTINUIDADE

Após as visitas ao Museu Afro Brasil, eram realizadas rodas de conversa para compartilhar as experiências vividas, as impressões e aprendizados adquiridos, com exibição de fotos, vídeos e materiais explicativos sobre o que vimos.

MUDANÇAS

Para o NCI, foram importantes as contribuições do projeto ao longo dos anos, principalmente para a quebra de preconceitos. Destaco uma mudança expressiva de falas relacionadas à intolerância religiosa no que diz respeito às religiões de matriz africana, especialmente depois das visitas sobre “Arte e religiosidade afro-brasileira” e “O Sagrado e o Profano”.

VÍNCULO

Das várias experiências marcantes, destaco quando a senhora Eunice reclamou da remoção da exposição “Design e Tecnologia no Tempo da Escravidão”. Ela questionou onde estavam as obras do tempo de seu avô. Esse dia foi divertido, pois ela ficou realmente muito brava. Também foi marcante a visita do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil no nosso território. Ter o Museu indo até nós, na periferia, foi importante. Depois de anos de parceria com o projeto, receber a equipe do Núcleo de Educação no NCI, para além dos portões do Ibirapuera, só fortaleceu o vínculo conosco. ■

SEÇÃO

**CONHECENDO
O MUSEU
AFRO BRASIL**



Trabalho: Da Escravidão à Abolição

por Gabriel Rocha

Trabalho é uma categoria histórico-social bastante ampla e polissêmica, e não é nosso objetivo esgotá-la em seus vários significados. Para esta atividade, a categoria/conceito de trabalho pode ser tomada como: 1) o conjunto das atividades através das quais os seres humanos se relacionam com o mundo e, por sua vez, modificam o espaço onde habitam na medida em que modificam a si próprios; 2) o conjunto das relações sociais de produção que define o ordenamento social e o sistema econômico de cada sociedade.

Consideramos trabalho as várias formas de atividades através das quais os seres humanos intervêm, no mundo, com a finalidade de sobreviverem enquanto espécie. Porém, historicamente, o trabalho foi deixando de ser uma mera atividade vital para os seres humanos, tornando-se fonte de acumulação e expansão de riquezas, para uns, e sujeição social e opressão para outros.

No Brasil, durante mais de 350 anos, entre meados do século XVI e final do século XIX, a principal forma de trabalho e de produção de riquezas foi o sistema escravista, o qual teve como sua principal fonte de abastecimento o comércio de seres humanos trazidos forçosamente do continente africano. Nesse período de nossa história – primeiro como colônia portuguesa, depois como império independente –, a palavra trabalho estava intimamente relacionada à escravidão.

O passado colonial, o tráfico de seres humanos da África para as Américas e o sistema escravista são elementos fundamentais para compreendermos a formação econômica, social, política e cultural do Brasil, além de toda a história do Ocidente do século XVI em diante.

Este roteiro traz algumas possibilidades de leitura do tema “escravidão” a partir da exposição de longa duração do Museu Afro Brasil.

PARA ESTA VISITA, PROPOMOS:

1

Situar historicamente a categoria trabalho em suas diferentes dimensões, por exemplo: **a.** trabalho como forma de se relacionar com a natureza e atividade inerente à humanidade; **b.** trabalho como relação social de produção que passa por variações no espaço e no tempo ao longo da história;

2

Situar historicamente a relação entre trabalho e escravidão no Brasil, considerando quais eram as finalidades da colonização e da escravidão;

3

Refletir sobre a organização social do trabalho e as técnicas envolvidas nos processos de produção escravista;

4

Refletir sobre as consequências da colonização e da escravidão para as partes – geográficas e humanas – nelas envolvidas;

5

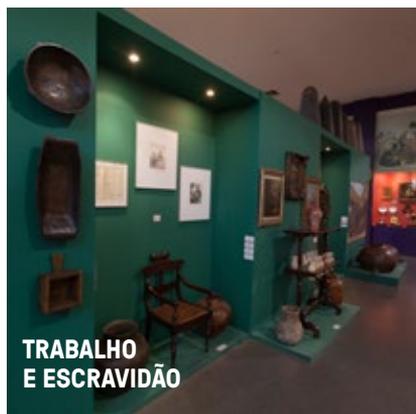
Refletir sobre as consequências da colonização e da escravidão no passado e no presente.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A exposição de longa duração do Museu Afro Brasil está alocada no piso superior do Pavilhão Manoel da Nóbrega e organizada em seis núcleos temáticos:



ÁFRICA: DIVERSIDADE E PERMANÊNCIA



TRABALHO E ESCRAVIDÃO



AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS



O SAGRADO E O PROFANO



HISTÓRIA E MEMÓRIA



ARTES PLÁSTICAS: A MÃO AFRO-BRASILEIRA

Fotos: Henrique Luz



Os núcleos mantêm uma relação de continuidade e complementariedade entre si, ou seja, os temas não estão isolados. Isso torna possível a construção de roteiros que articulem e combinem os temas centrais dos diversos núcleos e seus acervos. É possível, também, eleger o tema de um núcleo e debatê-lo ao longo de uma visita pelos demais. Devido à grande quantidade de obras – o acervo tem cerca de 8 mil objetos –, por questões metodológicas e práticas, os roteiros de visita não envolvem todas as obras, nem todos os núcleos.

Nesse sentido, neste roteiro abordamos os seguintes núcleos:

1. Religiões Afro-Brasileiras;
2. Trabalho e Escravidão;
3. História e Memória.

Aqui o tema central é o núcleo Trabalho e Escravidão, a partir do qual, estabelecemos uma relação com os demais.

1 VESTIMENTA DE OGUM



Orixá do ferro e da guerra, herói, civilizador. Conhece os segredos da forja, necessários para a fabricação de ferramentas agrícolas e de guerra.

Símbolo:

espada e ferramentas como a enxada, facão, pá, etc.

Sincretismo:

São Jorge ou Santo Antonio

Cor:

azul-marinho

Trecho de Oriki:

Ogum, senhor do ferro. Que enraivecido se morde. Que fere ferroa e engole. Não me morda.

Localização:

Núcleo Religiões Afro-Brasileiras

SOBRE OGUM

Ogum, divindade de matriz iorubá associada ao ferro, às ferramentas, à agricultura e à guerra. Na mediação desta obra que representa a vestimenta desse orixá, podemos estabelecer relação entre religião e a vida social a partir de elementos da natureza e dos ofícios associados a Ogum, como, por exemplo, a metalurgia e a agricultura. Aqui podemos também refletir sobre a tecnologia entre os povos africanos. E por se tratar de uma divindade guerreira, podemos abordá-la enquanto símbolo de resistência negra contra o escravismo no passado, e contra o racismo no presente. O núcleo de Religiões Afro-Brasileiras também nos possibilita discutir o racismo no âmbito religioso (a discriminação e perseguição das religiões de matriz africana), além de refletirmos sobre o papel das religiões entre os povos.

PERGUNTAS NORTEADORAS:

1

Já viram estas vestimentas? O que vocês conhecem sobre a vestimenta à esquerda na vitrine?

2

O que ela representa?

3

Na imagem, é possível ver uma espada em sua mão? O que isso pode representar?

4

Geralmente, de qual matéria-prima uma espada é feita?



OGUM CRIA A FORJA

*“O ferro era a mais dura substância que ele conhecia,
mas era maleável enquanto estava quente.
Ogum passou a modelar a massa quente.
Ogum forjou primeiro uma tenaz,
um alicate para retirar o ferro quente do fogo.
E assim era mais fácil manejar a pasta incandescente.
Ogum então forjou uma faca e um facão.
Satisfeito, Ogum passou a produzir
Toda espécie de objetos de ferro,
Assim passou a ensinar seu manuseio.
Veio fartura e abundância para todos”.*

(PRANDI, 2001, p. 96)



PERGUNTAS NORTEADORAS:

1

Que objetos são estes? A partir de suas formas é possível saber suas funções, ou seja, para que serviram/servem?

2

Estes objetos pertencem a qual contexto histórico?

3

Quem pode ter construído estes objetos?

4

Quem os manuseava?

5

Quem era o proprietário?

6

De quem era o produto do trabalho feito com estes objetos?

7

Por que estes objetos estão neste museu?

2

Bolandeira de moenda de cana-de-açúcar
Século XIX, Cachoeira, Bahia
Madeira

Tacho
Cobre e Ferro

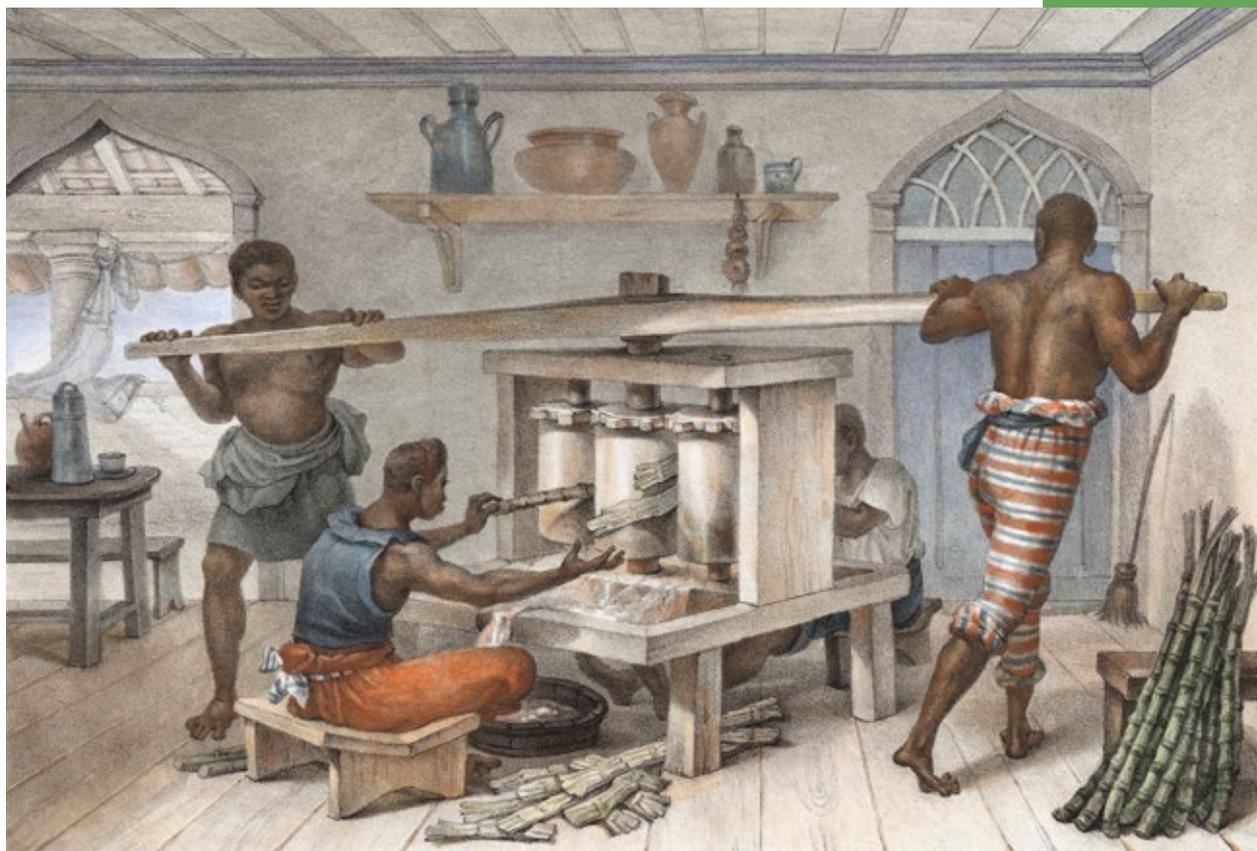
Eixos de transmissão de moenda de cana-de-açúcar
Século XIX, Pernambuco
Madeira

Localização:
Núcleo Trabalho e Escravidão

A imagem traz peças de maquinários e ferramentas que nos remetem à produção canavieira, a qual se disseminou sobretudo no Nordeste brasileiro desde meados do século XVI, constituindo o primeiro ciclo econômico da história do Brasil. Embora tenha sido sucedida por outros ciclos econômicos como a mineração, o algodão, a borracha e o café, a cana-de-açúcar nunca deixou de ser produzida, coexistindo com os diferentes produtos de exportação. Até os dias de hoje, a cana-de-açúcar é produzida no Nordeste e em regiões do Sudeste brasileiro.

OBJETOS DE PRODUÇÃO AÇUCAREIRA

A bolandeira da moenda de cana-de-açúcar e os eixos de transmissão de moenda são feitos em madeira. Já o tacho para a produção de melaço é feito em metal e cobre. As matérias-primas desses objetos nos informam sobre os ofícios de marcenaria, serralheria e metalurgia. Suas utilidades nos remetem a uma série de ofícios e funções presentes na cadeia produtiva do açúcar e do álcool, desde a agricultura aos processos químicos de transformação da cana nos produtos finais, comercializados internacionalmente. Parte desses ofícios nos remetem ao objeto anterior de nosso roteiro, o que nos possibilita uma reflexão sobre os saberes originários do continente africano que foram utilizados no processo de escravização nas Américas. Nossa abordagem enfatiza o fato de o escravismo ter utilizado não apenas a força física dos africanos, mas também os saberes que foram fundamentais para o funcionamento desse sistema econômico.



PEQUENA MOENDA DE CANA-DE-AÇÚCAR, 1835

O pintor e desenhista francês Jean Baptiste Debret veio para o Brasil a convite do rei D. João VI, em 1817, junto com a assim chamada Missão Artística Francesa, um grupo de artistas liderados por Joachim Lebreton que deu origem à Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Durante o período em que viveu no Brasil (1817-1831), Debret lecionou na Academia Imperial de Belas Artes e viajou pelo País retratando, através de desenhos e pinturas, imagens da natureza e da sociedade. Sendo assim, a escravidão é um tema recorrente na obra desse artista. Em meio às ferramentas e maquinários que compõem o ciclo da economia açucareira, na exposição de longa duração do Museu Afro Brasil, há uma reprodução em plotagem da obra *Pequena Moenda de Cana-de-Açúcar* do ano de 1835.

Esta imagem integra o conjunto de obras do artista intitulado *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1843-1839) que, para a época, do ponto de vista da arte europeia, consistiu em um deslocamento dos temas épicos do Neoclássico para a construção de narrativas sobre os trópicos. As escolhas estéticas de luz e cores dos trópicos, os utensílios, o mobiliário rústico, as pessoas que compõem o ambiente revelam a visão do artista sobre a sociedade retratada.

Contudo, a leitura de imagens exige a observação atenta e o senso crítico do observador. É importante que a obra seja contextualizada, situada em seu tempo histórico e em seu espaço social. “Quem produziu? Para quem produziu? E para que produziu?” são perguntas que nos ajudam a compreender o objeto e podem ser úteis para não cairmos nas armadilhas dos estereótipos que acabam por reforçar preconceitos históricos, sobretudo, imagens da escravidão produzidas no período escravista por autores cuja origem social e outras circunstâncias os colocavam mais próximos dos escravocratas do que das pessoas escravizadas, como é o caso de Jean Baptiste Debret.

É importante pontuar como esse artista retrata o Brasil com um olhar repleto de exotismo sobre a natureza e sobre as pessoas. Além disso, a escravidão aparece naturalizada em sua obra, assim como a condição de escravizados atribuída aos negros, à exemplo dos corpos musculosos e do ambiente organizado que aparecem na imagem acima.

OBSERVE A OBRA E REFLITA SOBRE AS SEGUINTESS QUESTÕES:

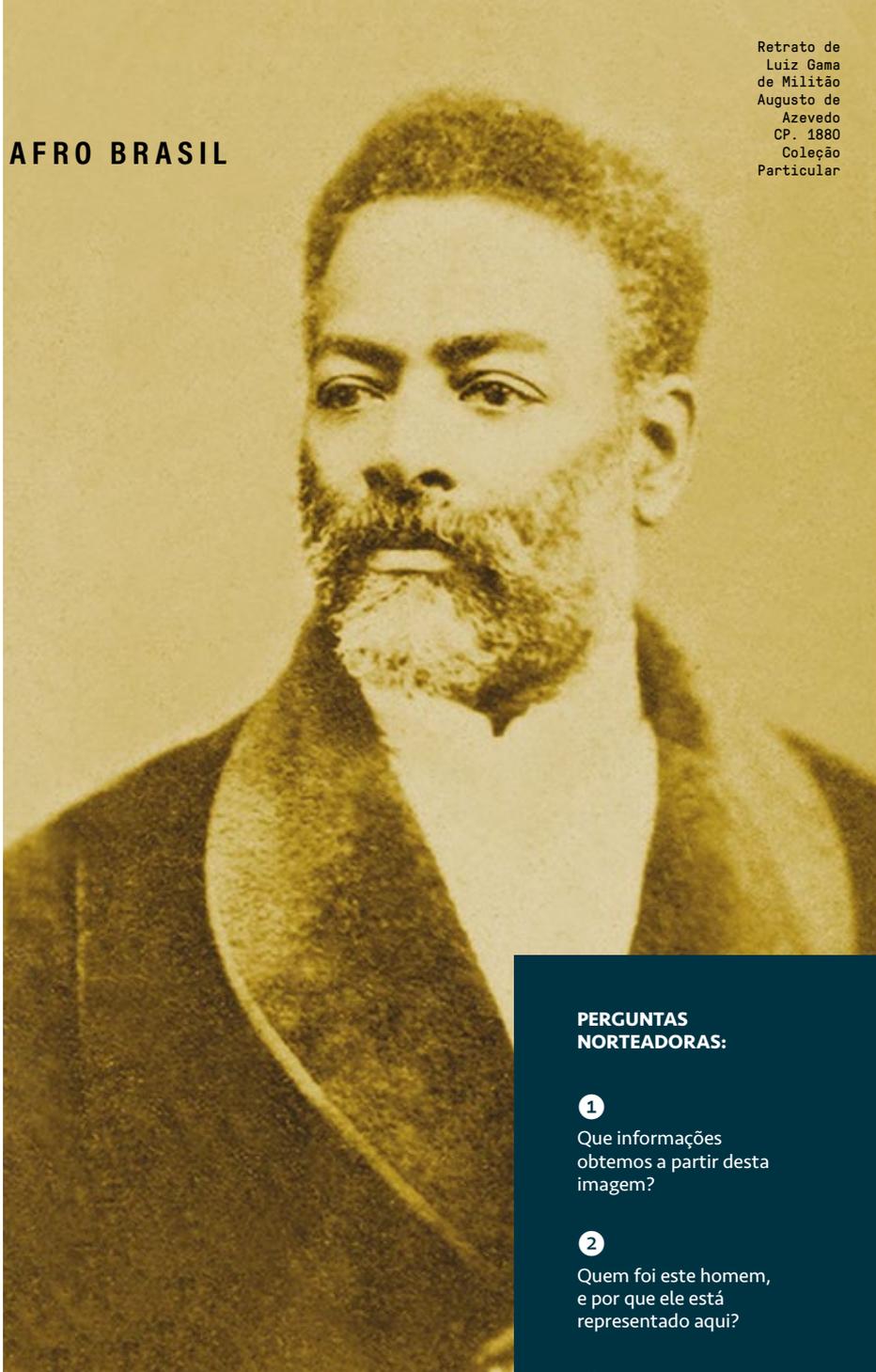
- 1 Que informações tiramos da cena representada pelo artista?
- 2 Como as pessoas estão retratadas na cena?
- 3 Como a escravidão está sendo retratada pelo artista francês?

3

LUIZ GAMA

No Núcleo de História e Memória, destacamos a presença negra nos campos do trabalho intelectual e artístico. Este espaço tem como objetivo ir além das concepções que se limitam a associar o negro quase exclusivamente à imagem do escravizado. Sem negar a escravidão como elemento fundamental para a compreensão da história do Brasil e do Ocidente, o núcleo destaca histórias de resistência e luta contra o escravismo no passado, contra o racismo no presente, e pela efetivação dos direitos da população negra.

Nesse aspecto, Luiz Gama destaca-se como figura emblemática por ser um homem negro que vivenciou a trágica experiência da escravidão e da luta por liberdade. Na história do trabalho, Luiz Gama, quando livre, se insere no campo intelectual como advogado, jornalista e poeta. Sua trajetória nos possibilita uma visão sobre o funcionamento e o desgaste do escravismo em sua última etapa, a segunda metade do século XIX, além de uma reflexão sobre a participação de negros no processo abolicionista.



PERGUNTAS NORTEADORAS:

- 1 Que informações obtemos a partir desta imagem?
- 2 Quem foi este homem, e por que ele está representado aqui?
- 3 Como Luiz Gama se insere na História e na Memória da escravidão e da abolição?
- 4 Qual é a importância de Luiz Gama para o Brasil hoje?
- 5 Você conhece a história de outros abolicionistas negros?

Luiz Gama (Salvador, 21 de junho de 1830 – São Paulo, 24 de agosto de 1882), advogado, poeta, jornalista e importante expoente do movimento abolicionista no Brasil, nasceu livre, mas foi vendido como escravizado pelo próprio pai; alfabetizou-se na juventude; recuperou sua liberdade; tornou-se advogado (rábula) e dedicou a vida pela causa da abolição do escravismo.

Em vida, Luiz Gama atuou como rábula (advogado sem diploma). Em decorrência disso, no dia 3 de novembro de 2015, aniversário de seu falecimento, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) concedeu-lhe um título póstumo de advogado, em reconhecimento ao seu legado no campo do direito.

No dia 16 de janeiro de 2018, a lei federal nº 13.629 conferiu-lhe o título de Patrono da Abolição da Escravidão no Brasil, e seu nome foi inserido no Livro dos Heróis da Pátria.

No dia 25 de outubro de 2020, a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo concedeu a Luiz Gama o Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Prêmio este doado ao Museu Afro Brasil.





PARA FECHAR A CONVERSA

Este roteiro abordou o tema “trabalho” a partir de três núcleos temáticos da exposição de longa duração do Museu Afro Brasil: Religiões Afro-Brasileiras; Trabalho e Escravidão; História e Memória. Situamos historicamente a categoria trabalho em suas diferentes dimensões: a) como atividade inerente à condição do ser humano; b) como relação social de produção.

BIBLIOGRAFIA

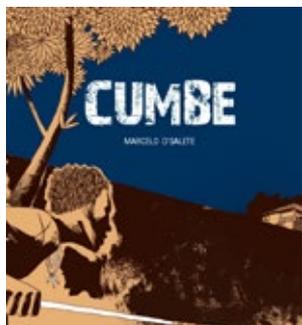
FERREIRA, Ligia Fonseca. *Com a palavra Luiz Gama*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.
 GORENDER, Jacob. *O Escravidão Colonial*. 6. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.
 PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Refletimos sobre a organização social do trabalho no Brasil no passado e no presente, e sobre as consequências dos quase quatro séculos de escravidão em nossa história. Sem perder de vista os horrores da escravidão, procuramos enfatizar a agência histórica dos africanos e seus descendentes a partir das culturas e saberes técnicos, por eles trazidos, que constituíram historicamente a formação social e cultural do Brasil. ■

SEÇÃO

MAB INDICA

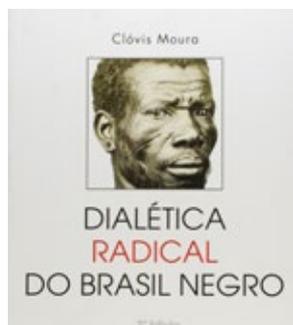




D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. ed. ampliada. São Paulo: Veneta, 2018.

Lançado em 2014 e reeditado em 2018, *Cumbe* é uma história em quadrinhos ambientada no período do Ciclo do Açúcar no Brasil, protagonizada por escravizados. O livro narra de forma emocionante a resistência contra a violência da escravidão e das senzalas brasileiras. Esta história em quadrinhos, dividida em quatro contos intitulados “Calunga”, “Sumidouro”, “Cumbe” e “Malungo”, a partir de uma perspectiva negra, apresenta as injustiças e dificuldades do passado escravocrata, reproduzindo esse cenário, mas reconhecendo em seus protagonistas o heroísmo da resistência. *Cumbe*, a palavra banto título da obra, é rica em sentidos: é o Sol, o dia, a luz, o fogo e a maneira de compreender a vida e o mundo, mas, também, sinônimo de quilombo.

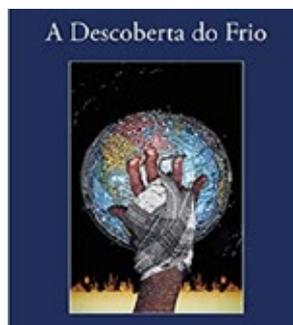
Siméia de Mello Araújo



MOURA, Clóvis. *Dialética radical do Brasil Negro*. 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois, 2014.

Lançado pela primeira vez em 1994, o livro é uma síntese da produção histórica e sociológica de Clóvis Moura, iniciada com o clássico *Rebeliões da Senzala* nos anos 1950. *Dialética Radical do Brasil Negro* tem um recorte histórico de longa duração, na qual o autor estabelece uma periodização da escravidão em duas etapas: a primeira, o “Escravidismo Pleno” (1550-1850); a segunda, o “Escravidismo Tardio” (1850-1888). Em seguida, Moura analisa o Brasil pós-abolição e considera que o País saiu do escravismo e se tornou uma economia de capitalismo dependente. Para ele, os diferentes períodos históricos, vinculando a formação e a dinâmica social aos modos de produção, demonstram o papel do racismo e sua persistência na composição da sociedade brasileira.

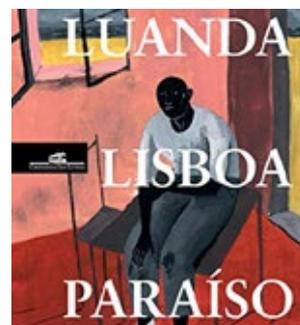
Gabriel Rocha



CAMARGO, Oswaldo de. *A Descoberta do Frio*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

Neste livro, o escritor e poeta Oswaldo de Camargo utiliza o frio metaforicamente para expressar um problema social, que está por toda parte, envolve toda a sociedade, porém, atinge somente uma parcela da população. Diga-se de passagem, a parcela numericamente majoritária. Ninguém o vê, nem todos o sentem, mas ele existe, e quem o sente, sofre. O frio aparece como um sintoma de um problema secular, de longa duração, estrutural, cujo enfrentamento também vem de longa data. A busca de saída para os dilemas impostos por este frio conduz o enredo desta instigante novela.

Gabriel Rocha



ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Luanda, Lisboa, Paraíso*. São Paulo. 2019.

Luanda, Lisboa, Paraíso é um livro que relata o desespero e a angústia de uma família que não mede esforços para que Aquiles, o único filho homem do casal luandense Cartola e Glória, consiga realizar uma cirurgia para reparar uma má formação no calcanhar causada por complicações na hora do parto. Segundo os médicos, era preciso uma cirurgia no calcanhar de Aquiles antes de ele completar 15 anos de idade, o que o leva, junto de seu pai, a uma viagem a Portugal na esperança de realizar a cirurgia que mudaria a sua vida. Cartola e seu filho chegam na tão sonhada cidade de Lisboa, passando por muitas dificuldades enquanto imigrantes, mas firmes e fortes com o único pensamento, conseguir a tão sonhada cirurgia.

Izabel Monteiro

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado

João Dória

Vice-Governador do Estado

Rodrigo Garcia

Secretário da Cultura e Economia Criativa do Estado

Sérgio Sá Leitão

Secretária Executiva

Cláudia Maria Mendes de Almeida Pedrozo

Chefe de Gabinete

Frederico Maia Mascarenhas

Coordenadora da Unidade de Preservação de Patrimônio Museológico

Letícia Nascimento Santiago

ASSOCIAÇÃO MUSEU AFRO BRASIL

Conselho Administrativo

Presidente

Maria do Alívio Gondim e
Silva Rapoport

Antonio Rudnei Denardi

Eunice Prudente

Jack Luna

Luis Carlos Gouveia Pereira

Luiz Carlos dos Santos

Maria Tereza M. Rodrigues

Oswaldo Faustino

Ruy Souza e Silva

Silvio Luiz de Almeida

Conselho Fiscal

Presidente

Hubert Alquéres

Adroaldo Moura da Silva

Carlos Alberto do Amaral

Diretor Executivo e Curatorial

Emanoel Araujo

Coordenadora de Planejamento Curatorial

Sandra Mara Salles

Núcleo de Educação

Alessandra Sousa –
assistente administrativa
Gabriel Rocha – educador
Sidney Ferrer – educador
Siméia de Mello Araújo –
coordenadora do Núcleo de
Educação

Projeto Gráfico e Edição de Arte

Alice Jardim

Colaboradores deste número

Gabriel Rocha

Izabel Monteiro

Sidney Ferrer

Siméia de Mello Araújo

Revisão Técnica

Cláudio Roberto Nakai

Sandra Mara Salles

Siméia de Mello Araújo

Agradecimentos

Cláudio Roberto Nakai

Izabel Monteiro

Joyce Farias de Oliveira

Marcelo D'Saete

Maria Nice Pereira Leite

MUSEU AFRO BRASIL

Parque do Ibirapuera, Portão 10

São Paulo / SP - 04094-050

Tel.: 11 3320-8900

www.museuafrobrasil.com.br

www.cultura.sp.gov.br

#EDUCA





#EDUCA MIB